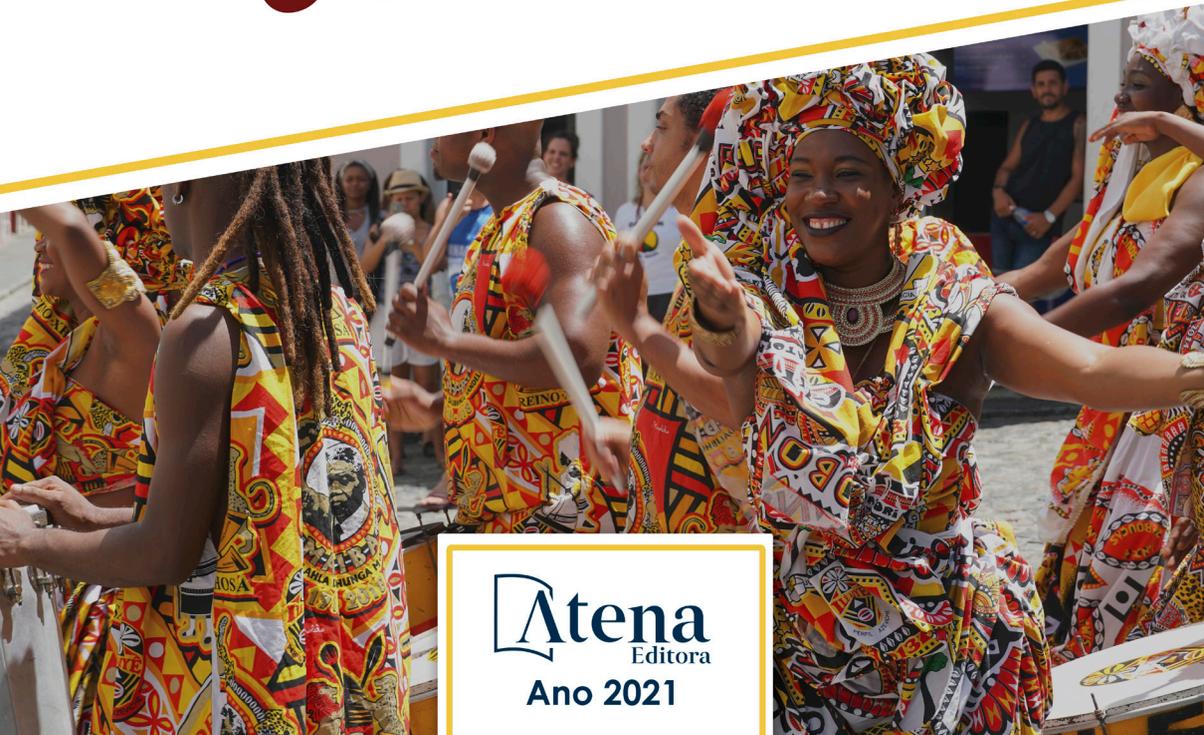




Joaquim dos Santos  
José Italo Bezerra Viana  
(Organizadores)

# Memória, cultura e sociedade

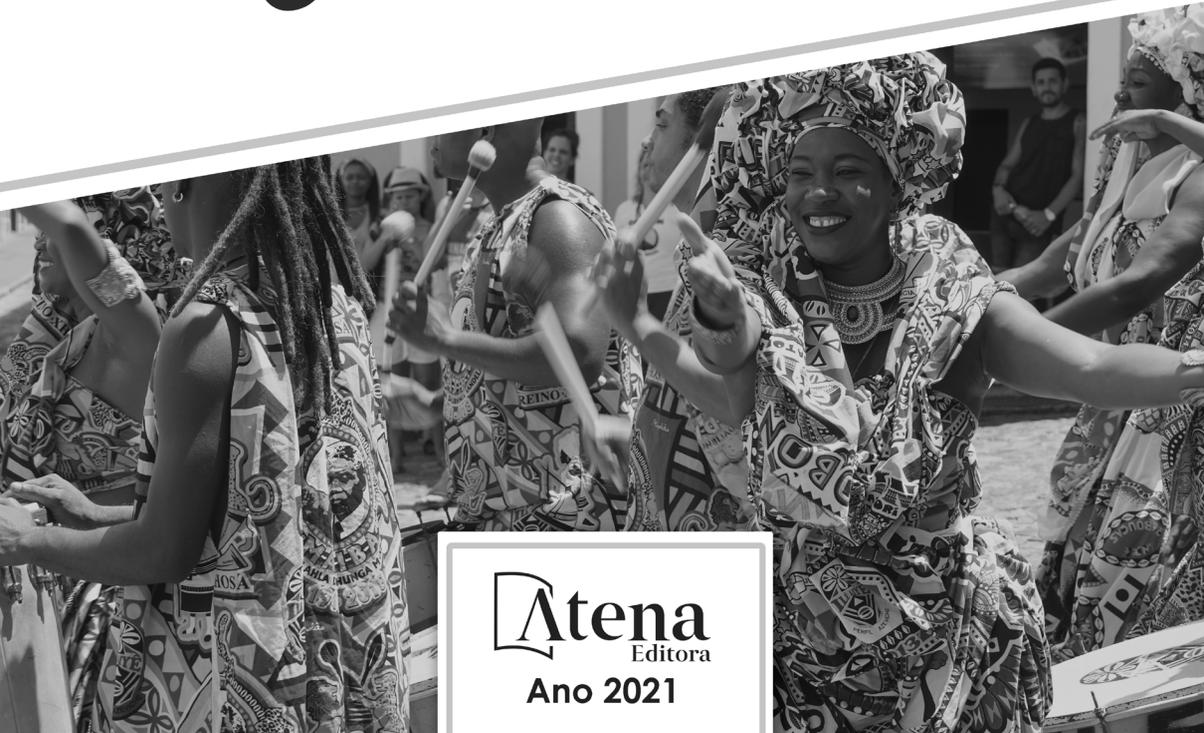


**Atena**  
Editora  
Ano 2021



Joaquim dos Santos  
José Italo Bezerra Viana  
(Organizadores)

# Memória, cultura e sociedade



**Atena**  
Editora  
Ano 2021

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Correção:** Giovanna Sandrini de Azevedo  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadores:** Joaquim dos Santos  
José Italo Bezerra Viana

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

M533 Memória, cultura e sociedade / Organizadores Joaquim dos Santos, José Italo Bezerra Viana. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-134-0

DOI 10.22533/at.ed.340213105

1. Sociedade. 2. Cultura. I. Santos, Joaquim dos (Organizador). II. Viana, José Italo Bezerra (Organizador). III. Título.

CDD 306

**Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166**

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

Este livro é uma demonstração da fecunda e complexa experiência humana em diferentes tempos e espaços, vista aqui pelo prisma do tripé *Memória, Cultura e Sociedade*, novelo que dá título à obra. Numa perspectiva interdisciplinar, as atitudes narrativas constitutivas do seu corpo discursivo elucidam a cultura numa abordagem ampla, como um conjunto de relações humanas, em suas formas materiais e imateriais, o que desnuda a diversidade cultural presente nos temas dissertados.

Seguindo esse horizonte, são abordadas as relações entre indivíduo e sociedade, bem como entre mudanças e continuidades postas na paisagem social, cultural e histórica. A sociedade é apresentada como uma construção histórica numa simbiose de um todo conectado, no qual as pessoas vivem. Assim, modos e construção de relações, combinação de instituições, normas e formas de organização social integram esse novelo. Nesse direcionamento, a memória é apresentada como uma construção humana, individual e social, portanto, também histórica.

Ao longo dos vinte e seis capítulos que integram o livro, uma diversidade de temas e recortes são elencados, abordando as relações entre memória e identidade e colocando em cena seus processos de construção, afirmação e resistências. Nestes termos, a dimensão histórica da memória é apresentada e refletida nas cidades e em suas paisagens, bem como nas reflexões sobre espaços, natureza, trabalho, instituições, territorialização e culturas.

As linguagens a partir das quais as memórias, as culturas e sociedades são postas e problematizadas também ganham corpo, materialidade e densidade discursiva. Nesse sentido, as importantes reflexões a respeito de imagens, teatros, músicas, literatura e objetos são postas em relevo. Outrossim, ganha destaque o debate sobre cultura material mediante as historicidades e danações dos museus e de seus visitantes, revelando ainda as mediações entre a cultura material e os processos histórico-sociais.

O cenário político presente nas disputas por memórias, culturas, identidades e sociedades também não fica de fora. Desse modo, a perspectiva decolonial situa uma postura ética e política de enfrentamento das “colonizações” sobre corpos e ideias, demonstrando que é necessário descolonizar o pensamento e a vida social. Além de tudo isso, o ponto de intersecção entre ensino, pesquisa e extensão universitárias lança luz para processos formativos diversos e plurais nas quais as diversidades ganham materialidade e ressonâncias.

As histórias que este livro conta incluem a diversidade como marca essencial para que possamos nos (re)produzir como cultura humana. Simboliza as circunstâncias de constituição da sociedade através da preservação e transmissão da memória, dando sentido a formas distintas de saber, de aprender e de ensinar a respeito dos ritmos que produzem a cadência do baile da vida.

Joaquim dos Santos  
José Italo Bezerra Viana

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

A MEMÓRIA COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL

Rosali Henriques

**DOI 10.22533/at.ed.3402131051**

### **CAPÍTULO 2..... 12**

ICONOLOGIA DE SÃO BENEDITO E O ATRIBUTO DA ABÓBORA: EDUCAÇÃO, ARTE E SINCRETISMO NA REGIÃO AURÍFERA DE MINAS GERAIS NO SÉCULO XVIII

Luiz Fernando Conde Sangenis

Ketley Flor Soares Bially

**DOI 10.22533/at.ed.3402131052**

### **CAPÍTULO 3..... 23**

VERTICALIZAÇÃO À FRANCESA NO RIO DE JANEIRO: O CASO DO EDIFÍCIO TAMANDARÉ

Denise Vianna Nunes

Lívia Paiva Colonese

**DOI 10.22533/at.ed.3402131053**

### **CAPÍTULO 4..... 38**

JARDIM CEARÁ: O PADRE MIGUEL COELHO DE SÁ BARRETO E A FESTA SOCIORRELIGIOSA DA VIRADA DO SÉCULO XIX PARA O SÉCULO XX

Maria Jorge dos Santos Leite

Manoel Joaquim Leite Neto

**DOI 10.22533/at.ed.3402131054**

### **CAPÍTULO 5..... 50**

CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS E SOCIAIS DO ÁLBUM ILLUSTRADO DE GOYANNA: 1921-2021

Angela Ninfa Mendes de Andrade Cabral

José Bartolomeu dos Santos Júnior

Eliton Leandro de Oliveira Pereira

**DOI 10.22533/at.ed.3402131055**

### **CAPÍTULO 6..... 63**

O PASSADO DA IMPRENSA BRASILEIRA: O RESGATE DA MEMÓRIA DA REVISTA “INTERVALO” ATRAVÉS DA METODOLOGIA DE HISTÓRIA ORAL

Talita Souza Magnolo

**DOI 10.22533/at.ed.3402131056**

### **CAPÍTULO 7..... 79**

A MEMÓRIA DA CENA TEATRAL CARIOCA NA DÉCADA DE 1970

Ana Paula Dessupoio Chaves

Talita Souza Magnolo

**DOI 10.22533/at.ed.3402131057**

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>92</b>
ESTÉTICA E METALINGUAGEM EM PASÁRGADA Vitor Hugo da Silva DOI 10.22533/at.ed.3402131058	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>103</b>
DO “STATUS” AO STRESS: UMA ANÁLISE DO CONTO DE LÍLIA MOMPLÉ Maria Aparecida Nascimento de Almeida DOI 10.22533/at.ed.3402131059	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>117</b>
O CONSUMO DE <b>REGGAETON</b> ANTES E DEPOIS DE <b>DESPACITO</b> PELOS BRASILEIROS Danilo Espindola Catalano DOI 10.22533/at.ed.34021310510	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>129</b>
ENTRE A CASA E A RUA: REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE O ÓCIO EM TEMPOS DE COVID-19 Rosana Eduardo da Silva Leal DOI 10.22533/at.ed.34021310511	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>142</b>
CALDAS NOVAS-GO: TRADIÇÃO E IDENTIDADE NA TRANSIÇÃO DO USO DAS ÁGUAS TERMAIS PARA CURA E SUA APROPRIAÇÃO PELOS EMPREENDIMENTOS TURÍSTICOS PARA O LAZER E ENTRETENIMENTO Sheila Cristina Endres Palmerston Hamilton Afonso de Oliveira DOI 10.22533/at.ed.34021310512	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>155</b>
A DEMOCRATIZAÇÃO DO MUSEU PARA O VISITANTE Ana Fabiola Correia da Costa DOI 10.22533/at.ed.34021310513	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>168</b>
COLEÇÃO E MUSEALIDADE: O MUSEU GRUPPELLI, PELOTAS/RS EM FOCO José Paulo Siefert Brahm Márcia Della Flora Cortes Diego Lemos Ribeiro Juliane Conceição Primon Serres João Fernando Igansi Nunes DOI 10.22533/at.ed.34021310514	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>182</b>
CRECHES COMUNITÁRIAS DE UBERLÂNDIA: UMA MARCA DA MODERNIZAÇÃO DA SOCIEDADE DO SÉCULO XX Vinicius Silva DOI 10.22533/at.ed.34021310515	

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>191</b>
MOVIMENTO DECOLONIAL, FORMAÇÃO DOCENTE E HUMANIDADES: TESSITURAS POSSÍVEIS	
Katia Gonçalves Castor	
Jalber Boa Camilo	
Marcela Fraga Gonçalves Campos	
Juliana Nunes Novaes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34021310516</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>206</b>
RESISTÊNCIA E PRESERVAÇÃO DO TAMBOR DE CRIOLA NO BAIRRO CAMPINHO EM BACURI-MA: TRAÇANDO UMA HISTORIOGRAFIA	
Verônica Maria de Moraes Alexandre Santana	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34021310517</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>216</b>
O PROCESSO DE INTEGRAÇÃO LOCAL DE REFUGIADOS POR MEIO DA INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO: UM ESTUDO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO ESTADO DE PERNAMBUCO	
Álvaro Luiz da Silva Santos	
Thalita Franciely de Melo Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34021310518</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>235</b>
PAISAGEM CULTURAL E TERRITORIALIZAÇÃO DO CORPO: O CASO DA VILA CASONI, LONDRINA (PR)	
Caroline Santos de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34021310519</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>242</b>
POPULAÇÃO IDOSA E INDÍGENA NO PROCESSO MODERNO: TRADIÇÃO E ADAPTAÇÃO	
Aline Rocha Amaral	
Raine Clavisso Pereira	
Fábio Rodrigues da Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34021310520</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>250</b>
ENTRE O RIO E A MATA: O ESPAÇO TERRITORIAL COMO REFERENTE IDENTITÁRIO E CULTURAL EM UM POVOADO DA AMAZÔNIA TOCANTINA SÍMBOLO DE PODER FEMININO	
Mix de Leão Moia	
Francisco Wagner Urbano	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34021310521</b>	

<b>CAPÍTULO 22.....</b>	<b>258</b>
<b>FORMAÇÃO DOCENTE E SEXUALIDADE: AÇÃO EXTENSIONISTA NO CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA SABERES INDISPENSÁVEIS PARA FORMAÇÃO DOCENTE INICIAL E CONTINUADA</b>	
Gislene Lisboa de Oliveira	
Valéria Soares de Lima	
Lilian Cristina dos Santos	
Gabriel Soares Sena	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34021310522</b>	
<b>CAPÍTULO 23.....</b>	<b>272</b>
<b>EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: UMA EXPERIÊNCIA COM A POESIA</b>	
Gustavo Avelino da Silva	
Ana Cristina Fernandes Pereira Wolff	
Carina Gomes da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34021310523</b>	
<b>CAPÍTULO 24.....</b>	<b>281</b>
<b>A AMEAÇA DO ANIMALESKO ANTE A HUMANIDADE: UMA LEITURA DE CEM ANOS DE SOLIDÃO SOB A LUZ DA FILOSOFIA DE ADORNO E HORKHEIMER</b>	
Lorena Gonçalves Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34021310524</b>	
<b>CAPÍTULO 25.....</b>	<b>286</b>
<b>NUTRIARTES: UM PROJETO DE EXTENSÃO</b>	
Ana Luiza Araujo Rocha	
Luis Gustavo Alves Monteiro	
Nathália Nascimento Fernandes Franco	
Mellissa Yumi Ferreira Kawamoto	
Pedro Eduardo Ochoa Michelin	
Juliana Pulsena Cunha	
Glaucia Carielo Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34021310525</b>	
<b>CAPÍTULO 26.....</b>	<b>292</b>
<b>OFICINA DE BERIMBAU: CULTURA E AFRICANIDADES</b>	
Jackson dos Reis Novais	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34021310526</b>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES .....</b>	<b>296</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>297</b>

## A DEMOCRATIZAÇÃO DO MUSEU PARA O VISITANTE

*Data de aceite: 21/05/2021*

*Data de submissão: 06/05/2021*

**Ana Fabiola Correia da Costa**

Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de  
Ciências e Tecnologia  
Costa da Caparica - Portugal

**RESUMO:** O presente artigo tem como finalidade desenvolver uma análise sobre o papel social do museu. No primeiro momento, abordamos discussões conceituais a respeito da relevância do visitante para o museu, uma vez que este foi assumindo um protagonismo quase que equivalente a conservação e exposição dos acervos. Posteriormente, evidenciamos alguns aspectos quanto ao perfil do visitante de museu, com o intuito de esclarecermos as particularidades sociais envolvidas na relação de aproximação entre o museu e o visitante. Ambas as contextualizações, se entrelaçam a intenção de compreendermos os avanços e retrocessos envolvidos nos caminhos percorridos para a promoção do acesso aos bens culturais, disponíveis no museu para os visitantes.

**PALAVRAS - CHAVE:** Museu; visitante; acesso.

### THE MUSEUM DEMOCRATIZATION FOR VISITORS

**ABSTRACT:** This article aims to develop an analyses about the museum's social role. At

first, it deals with conceptual discussion about visitors relevance to museum since it was assumed a main character almost as similar as the conservation and exhibition of the collections. At a later stage, it was evidenced some aspects about the museum visitors profile with the aim of clarifying the social particularities involved in the relation between museum and visitors. Both contextualizations interlace the intention of understanding the progress and throwback involved in the way taken to promote the access to cultural properties available at the museum to visitors.

**KEYWORDS:** Museum; visitors; access.

### INTRODUÇÃO

A definição de museu elaborada pelo International Council of Museums – ICOM (2007)<sup>1</sup>, na qual, de maneira geral, aponta ser este uma instituição sem fins lucrativos, aberta para que o público tenha acesso ao patrimônio material e imaterial para o seu usufruto, denota com nitidez o papel educativo que a instituição possui, colocando o acervo à disposição para o desenvolvimento da sociedade. Para além disto, tal concepção carrega consigo a mudança de perspectiva da função museal, ocorrida em meados do século XX, onde “o museu se abre à interdisciplinaridade, demonstrando a interdependência entre diferentes áreas do saber, articulando meio natural e patrimônio cultural.” (VALENTE, 2003, p. 42). Desta

<sup>1</sup> Recuperado de <https://icom.museum/en/resources/standards-guidelines/museum-definition/>. Acessado consultado em: 05/12/2020.

forma, na medida em que foi ampliada a percepção do patrimônio, novos contextos se apresentaram para a difusão da cultura, abrindo caminho para que este processo fosse ocorrendo de forma múltipla, ressaltando a relevância que o público passou a ter, como o apontado por Valente (2003, p. 43):

A abordagem dos temas tem que contemplar o interesse do visitante sem, no entanto, fugir da essência do museu. Por esse motivo, o museu deverá manter-se atualizado em seus diversos setores; caso contrário, ficará defasado com relação ao visitante e não cumprirá seu papel social e educativo.

Somado aos aspectos apontados pela autora citada no trecho acima e em consonância com o conceito de museu do ICOM (2007), na legislação brasileira, o Art. 29, da Lei Nº 11.904/2009, versa que: “os museus deverão promover ações educativas, fundamentadas no respeito à diversidade cultural e na participação comunitária, contribuindo para ampliar o acesso da sociedade às manifestações culturais e ao patrimônio material e imaterial da Nação”.

O papel social agregado aos museus, fortalecido pelos instrumentos legais, coloca os acervos como um bem público e, como tal, estes devem ser disponibilizados aos visitantes para o seu usufruto, preferencialmente, através de ações que unam preceitos educativos com os anseios dos tempos atuais. Para Castells (2011), quanto aos percursos possíveis de serem trilhados pelas instituições museológicas, na atualidade, para atender as demandas da coletividade, estes:

Poderiam tornar-se protocolos de comunicação entre diferentes identidades, comunicando a arte, a ciência e a experiência humana; e eles podem estabelecer-se como conectores de diferentes temporalidades, traduzindo-as a uma sincronia comum, mantendo, ao mesmo tempo, uma perspectiva histórica. Finalmente, eles podem conectar as dimensões globais e locais de identidade, espaço e sociedade local. (CASTELLS, 2011, p. 20)

Castells (2011) esclarece que, para que isso ocorra, é necessário que os museus consigam sistematizar “fluxos virtuais”, considerando os aspectos virtual e global da comunicação e da cultura, harmonizando a tecnologia com as vivências do ser humano, para a promoção de inovações “tecnológicas de protocolos de comunicação”, com o intuito de que estes sejam “instituições educacionais e interativas, ancoradas em uma identidade histórica específica e ao mesmo tempo abertas a correntes multiculturais presentes e futuras” (CASTELLS, 2011, p. 20). Deste modo, é importante que seja favorecida a apropriação social do espaço, ressaltando o museu como um lugar de usufruto pautado nas modificações culturais, interligado com a salvaguarda dos acervos.

Neste contexto, nos deparamos com a utilidade que pode ser empregada a ampla comunicação através do acesso aos bens culturais. Uma vez que, em tempos denominados por Bauman (2007) de “modernidade líquida”, onde “as organizações sociais (estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição

das rotinas, padrões de comportamento aceitável) não podem mais manter sua forma por muito tempo.” (BAUMAN, 2007, p. 07), ficando clara a impossibilidade do estabelecimento de planos sólidos e longínquos, por parte do indivíduo. Diante disto, é mister discutirmos processos educativos que instrumentalizem o sujeito no desenvolvimento amplo das suas capacidades, possibilitando a este a resolução das demandas que forem surgindo no seu cotidiano.

No que diz respeito a educação dos jovens, Bauman (2013) esclarece que esta deve permear “a necessidade de desenvolver, aprender e praticar a arte de conviver com os estranhos e sua diferença em base permanente e cotidiana.” (BAUMAN, 2013, p. 09). Nesta perspectiva, o delineamento de ações educativas voltadas para o campo cultural, surge como um caminho interessante a ser trilhado, na prática do conhecimento do patrimônio material e imaterial para consolidação do respeito as diferenças.

Para tanto, o entendimento de cultura utilizado, compactua com o explicitado por Castells (2011, p. 09) “no clássico sentido sociológico e antropológico de um sistema de valores e crenças que informam o comportamento das pessoas e que são articulados e expressos por meio de instituições sociais.”. Tal perspectiva, atrelada a de patrimônio estão diretamente ligadas a constituição de uma instituição museal, que se vale deste arcabouço para o delineamento educativo atribuído aos museus.

A educação museal pode ser definida como um conjunto de valores, de conceitos, de saberes e de práticas que têm como fim o desenvolvimento do visitante; como um trabalho de aculturação, ela apoia-se notadamente sobre a pedagogia, o desenvolvimento, o florescimento e a aprendizagem de novos saberes. (DESVALLÉES e MAIRESSE, 2013, p. 38).

A valorização do aspecto cultural pode promover a assimilação de valores que possibilitem ao ser humano conhecer para preservar sua identidade e do grupo ao qual pertence. Porém, isso não significa o apreço ao sectarismo, muito pelo contrário. O conhecimento cultural passa pelo respeito à diferença, pois, por mais que tentemos nos isolar, no mundo globalizado isto não é possível, por conta da difusão cultural (Laraia, 2001). Tal perspectiva, contribui para o entendimento de que o museu vem se tornando um ambiente de extrema importância para a reflexão do comportamento humano (Bourdieu e Darbel, 2007), no amplo exercício da cidadania.

A prática da cidadania robusteceu o conceito de educação no ambiente museal, ajudando na estruturação de setores educativos alinhados com o desejo de ofertar ao público uma visita que possibilite um processo educativo estimulador das potencialidades do indivíduo, ampliando o seu conhecimento sobre os contextos sociais que o cerca.

## **O MUSEU REMODELADO PARA OS VISITANTES**

A perspectiva democrática do museu como instrumento a serviço da sociedade,

começa a ser modelada na primeira metade do século XX, com a criação da UNESCO (1945) e, principalmente, com a do ICOM (1946), uma vez que tais organizações assumem o papel de discutir e elaborar orientações para a preservação e divulgação do patrimônio cultural, dentro das diretrizes de cada uma. Porém, foi na segunda metade do século XX, como apontado por Valente (2003), que começaram a ocorrer eventos relevantes sobre o papel educativo dos museus, estimulados pela preocupação acenada pelo Brasil, Estados Unidos e países da Europa, quanto a verificação da falta de acesso do público aos museus.

O “Seminário do Rio”, em 1958, realizado pela UNESCO como parte do programa dedicado a discutir o papel educativo do museu, estimular e ampliar os programas educativos como a melhor forma de tornar conhecidas as suas coleções, é um exemplo daquela movimentação. É dessa mesma época a conclusão da renovação da Exposição Permanente do Museu Nacional, que servia de referência a outras instituições. A partir daí, o mundo dos museus é totalmente renovado. A Conferência de Grenoble, em 1971, a Mesa Redonda do Chile, de 1972, as Declarações de Quebec e Oxatepec, de 1984, foram iniciativas que, sob o auspício da UNESCO e do ICOM, refletiram o esforço de melhor atender o público visitante e conferiram novo relevo às questões relativas ao papel cultural e educacional dessa instituição.” (VALENTE, 2003, pp. 41-42).

A nova concepção estruturada pelas discussões envolvendo o papel educativo dos museus, colocou os visitantes em um patamar tão relevante quanto ao dos acervos institucionais, uma vez que o entendimento de tornar o acervo acessível ao público passou a ser a diretriz das ações museais, somada as atividades inerentes a sua concepção. Neste contexto, os museus para Studart (2004, p. 35) “além das funções de preservar, conservar, expor e pesquisar, são fundamentalmente instituições a serviço da sociedade, buscam por meio de ações educativas tornar-se elementos vivos dentro da dinâmica cultural das cidades.”. Para tal contextualização, naturalmente, a “virada de chave” ocorrida na segunda metade do século XX, foi sendo estruturada por uma série de debates posteriores, tendo como exemplo a Declaração de Caracas (resultante do Seminário “A Missão dos Museus na América Latina Hoje: Novos Desafios”, celebrado em Caracas, Venezuela, entre os dias 16 de janeiro e 06 de fevereiro de 1992, de 1992), que para além de pontuar questões voltadas para o patrimônio, liderança, gestão e recursos humanos, tratou a comunicação em museus como tarefa essencial para as abordagens que cabem a tal instituição.

A função museológica é, fundamentalmente, um processo de comunicação que explica e orienta as actividades específicas do Museu, tais como a colecção, conservação e exibição do património cultural e natural. Isto significa que os museus não são somente fontes de informação ou instrumentos de educação, mas espaços e meios de comunicação que servem ao estabelecimento da interacção da comunidade com o processo e com os produtos culturais (Declaração de Caracas, 1999, pp. 250-251)

**Para tanto, a referida Declaração, entre outros aspectos, considera:**

Que o museu como um meio de comunicação transmite mensagens através da linguagem específica das exposições, na articulação de objectos-signos, de significados, ideias e emoções, produzindo discursos sobre a cultura, a vida e a natureza; que esta linguagem não é verbal, mas ampla e total, mais próxima da percepção da realidade e das capacidades perceptivas de todos os indivíduos; que como signos da linguagem museológica, os objectos não têm valor em si mesmos, mas representam valores e significados nas diferentes linguagens culturais em que se encontram imersos; Que o processo de comunicação não é unidirecional, mas um processo interactivo, um diálogo permanente entre emissores e receptores, que contribui para o desenvolvimento e o enriquecimento mútuo, e evita a possibilidade de manipulação ou imposição de valores e sistemas de qualquer tipo; Que o museu é um importante instrumento no processo de educação permanente do indivíduo, contribuindo para o desenvolvimento de sua inteligência e capacidades crítica e cognitiva, assim como para o desenvolvimento da comunidade, fortalecendo sua identidade, consciência crítica e auto-estima, e enriquecendo a qualidade de vida individual e colectiva. (Declaração de Caracas, 1999, pp. 251-252)

**Neste contexto, recomenda:**

Que se desenvolva a especificidade comunicacional da linguagem museológica, possibilitando e promovendo o diálogo activo do indivíduo com os objectos e com as mensagens culturais, através do uso de códigos comuns e acessíveis ao público, e da linguagem interdisciplinar que permite recolocar o objecto em um contexto mais amplo de significações; Que o museu oriente seu discurso para o presente, enfocando o significado dos objectos na cultura e na sociedade contemporânea e não somente em como e por que se constituíram em produtos culturais no passado; neste sentido o processo interessa mais que o produto; Que o museu contribua para a capacitação permanente dos indivíduos e comunidades no uso dos meios tecnológicos, dos processos e dos instrumentos científicos, desmistificando-os em benefício do desenvolvimento individual e social. (Declaração de Caracas, 1999, pp. 253-254)

As considerações e recomendações estruturadas pela Declaração de Caracas, carregam consigo os caminhos para o planeamento e o desenvolvimento de ações museais para as sociedades dos séculos XX e XXI, na medida em que pontua a relevância de tornar acessível a compreensão dos códigos incorporados a um objeto musealizado, dentro de uma perspectiva social da valoração dos itens expostos em museus, como bens culturais que carregam em si histórias agregadas de uma determinada sociedade e que, na medida em que são promovidas discussões, podem gerar reflexões relevantes para a formação e o convívio de respeito muito entre os cidadãos de diferentes grupos sociais (Bauman, 2013). Neste contexto, o museu pode servir como ponte para o favorecimento da comunicação que resulta na ampliação da capacidade crítica do cidadão, como apontado nas diretrizes da Declaração Cidade do Salvador (2007, pp. 13-14):

Compreender a cultura como bem de valor simbólico, direito de todos e fator decisivo para o desenvolvimento integral e sustentável, sabendo que o respeito e a valorização da diversidade cultural são indispensáveis para a dignidade social e o desenvolvimento integral do ser humano; assegurar que os museus sejam territórios de salvaguarda e difusão de valores democráticos e de cidadania, colocados a serviço da sociedade, com o objetivo de propiciar o fortalecimento e a manifestação das identidades, a percepção crítica e reflexiva da realidade, a produção de conhecimentos, a promoção da dignidade humana e oportunidades de lazer; valorizar a vocação dos museus para a comunicação, investigação, documentação e preservação da herança cultural, bem como para o estímulo à criação contemporânea em condições de liberdade e igualdade social.

Sobre o favorecimento da comunicação, por via dos objetos, Ramos (2004), praticou no Museu do Ceará, à época em que foi Diretor, a promoção de ações educativas compreendendo as peças expostas no ambiente como “objetos geradores”, seguindo a lógica Freiriana de alfabetização por “palavras geradoras”. A ideia de Ramos (2004) foi a de valorizar a “bagagem” do visitante, entrelaçada com os itens expostos no ambiente museológico. Ressaltamos que a relação do museu com o objeto é algo intrínseco a sua concepção, pois, os acervos museológicos foram se constituindo do ato do colecionismo.

De uma maneira geral, compreende-se o colecionismo como coletar, reunir e compor acervos ou arranjar peças consideradas de cunho memorialistas, com traços fetichistas, com propriedades históricas e artísticas, num determinado espaço e tempo. Na esfera pública, baseado em princípios educativos, a tendência é considerar o colecionador como um guardião do passado em que a guarda de objetos “antigos” torna-se um “local” imaginário e onde se processam imagens de direito humano de apropriação universal. (ESPÍRITO SANTO, 2011, p. 30).

Tal apropriação relaciona-se a carga histórica e emotiva, ligadas a um objeto colecionado, que através do desenvolvimento de ações educativas, podem promover a conectividade que um visitante de museu tem com um objeto exposto. Nesta perspectiva, o museu como um ambiente comunicacional, lhe cabe o desafio de promover ações que estimulem a vinda do público para o ambiente expositivo, fomentando a formação de visitantes, consumidores e formadores das informações disponíveis em um espaço cultural.

Martins (2006), ao promover uma pesquisa sobre a relação entre o museu e a escola, tendo como lócus desta o Museu de Zoologia da USP, verificou a necessidade da estruturação de uma relação mais estreitas entre as citadas instituições, para que se efetivasse o desenvolvimento de uma apropriação mais longa entre elas, ou seja, que não fosse algo pontual concentrado em apenas uma visita. Neste contexto, Martins (2006), utilizou como base as ideias de Hooper-Greenhil, no que diz respeito a educação, comunicação e interpretação não poderem ser desassociadas, uma vez que estas permitem potencializar a visão holística para a elaboração das ações museais, sendo a última uma questão relevante, pois:

A interpretação, entendida como um processo necessário para a construção de sentido por parte do visitante em relação ao objeto exposto, é entendida e analisada sob os parâmetros da hermenêutica. Desta forma, a construção de sentido vai depender dos conhecimentos, crenças e valores prévios de cada visitante. (MARTINS, 2006, p. 32)

A autora supracitada, no que tange o processo de interpretação, ainda estabeleceu conexões com as ideias de Falk e Dierking, pontuando que ela se concretiza para o público museal, por via de três contextos, sendo estes: o pessoal, o sociocultural e o físico, refletindo diretamente no processo de aprendizagem. Martins (2006), explica que o contexto pessoal está relacionado as experiências e aos interesses do visitante, ou seja, a sua leitura de mundo influencia diretamente na forma como este se conecta ou não ao objeto. Nesta perspectiva, o contexto sociocultural, dentro de um espaço museal, torna-se favorável quando existem ações de mediação realizadas pelos educadores de museus ou por professores que estimulem a troca de conhecimento entre os visitantes. Por fim, o contexto físico trata dos efeitos que a arquitetura do espaço pode provocar no acolhimento dos visitantes, uma vez que a disposição dos objetos pelo ambiente expositivo, a iluminação, a climatização e o som ambiente, podem impactar positivamente ou negativamente na experiência do visitante para com o museu.

A explanação promovida por Martins (2006), sobre as correntes de pensamento que se engajaram em definir parâmetros sobre o papel do museu e o da receptividade do visitante, apontam a relação intrínseca entre os dois contextos, fazendo do visitante o ponto essencial para o desenvolvimento e planejamento das ações dentro dos espaços museais.

## **ASPECTOS SOBRE OS VISITANTES DE MUSEUS**

No momento em que ocorriam as discussões entre os pares que estavam planejando as novas diretrizes para os museus, ou seja, o museu voltado para o museu, com o intuito de ressignificar sua atuação e o seu papel para a sociedade, Bourdieu e Darbel (2007), voltaram os seus olhares para fora dos muros dos museus, ao aplicarem, nos anos de 1964 e 1965, questionários por amostragem em museus da Grécia, Espanha, Itália, Polônia, França e Holanda, para a verificação sobre o perfil dos visitantes dos espaços museais do campo das artes. O estudo realizado pelos autores, tornou-se de grande relevância por apontar aspectos sensíveis sobre o público, comprovando que os debates sobre o museu público e acessível para todos era urgente.

Bourdieu e Darbel (2007), verificaram que o hábito de visitar museus estava intimamente ligado ao acesso à educação, em uma relação proporcional aos níveis de escolaridade, ou seja, quanto mais elevado maior o interesse em visitar museus. Para os autores, a educação desenvolve nos sujeitos a “necessidade cultural”, que os propicia conhecimentos para decifrar os códigos associados aos objetos musealizados.

A frequência de museus obedece a uma lógica bem conhecida da teoria da comunicação, já que, à maneira de um emissor de rádio ou televisão, o museu propõe uma informação que pode se dirigir a qualquer sujeito possível sem implicar em um custo maior e só adquire sentido e valor para um sujeito capaz de decifrá-la e saboreá-la. (BOURDIEU e DARBEL, 2007, p. 113)

No contexto apontado pelos autores, o museu cumpria a sua missão pública, porém, dialogava com poucos, demonstrando o grande desafio que se apresentava para as instituições museológicas, quanto a equalizar tais discrepâncias para favorecer a apropriação dos códigos atribuídos aos bens culturais a todos os perfis de público. Desta forma, caberia as instituições elaborarem práticas que fornecessem:

O código segundo o qual está codificada, por meio de um discurso (verbal ou gráfico), cujo código já seja controlado (parcial ou totalmente) pelo receptor, ou que revele continuamente o código de sua própria decifração, em conformidade com o modelo de comunicação pedagógica. (BOURDIEU e DARBEL, 2007, p. 141)

A solução sugerida pelos autores supracitados, se alinha com o que foi apresentado, quase trinta anos depois, na Declaração de Caracas. A questão temporal, pode ser justificada pela ampla discussão que estava ocorrendo em meados do século XX e nos anos que se seguiram, quanto ao papel educativo dos museus e, na medida que certas convicções foram se firmando, novos caminhos poderiam ser trilhados, nesta mudança de perspectiva das instituições museais. Anteriormente a esta fase, os museus eram concebidos como ambientes de distinção social onde poucos podiam desfrutar do conhecimento agregado as exposições.

Os museus como entendemos atualmente são criações do final do século XVII e início do XVIII e seus públicos vêm se modificando com o passar do tempo. As coleções dos gabinetes de curiosidade, que em muitos casos deram origem a museus, eram alojados em salas de castelos e palácios e só eram visitados por convidados dos colecionadores, entre eles estudiosos, nobres e religiosos. Assim, a coleção não era pensada para ser vista por muitas pessoas, mas apenas por uma seleta camada da elite medieval e renascentista europeia. (STUDART, ALMEIDA e VALENTE, 2003, p.132)

Posteriormente, segundo Le Goof (2003), atrelado a um movimento de autoafirmação das Nações, balizado, também, por festividades, arquivos públicos e bibliotecas públicas, no século XVIII “começou finalmente a era dos museus públicos e nacionais” (LE GOOF, 2003, p. 459). Nesta fase, claramente podemos perceber que o acesso aos bens existentes no museu servia como instrumento educativo para consolidação e fortalecimento do sentimento nacionalista, não havia troca com o público, apenas, a transmissão da informação para um determinado fim. Neste contexto, na modificação do entendimento sobre a instituição museológica, que se deu em meados do século XX, coube romper com os estigmas de ser este um ambiente para privilegiados e com o fato de ser um emissor de informações seletas.

Posto o desafio, a democratização do espaço museal para o público, se mostrou o caminho a ser trilhado para fazer cumprir o papel social agregado a este ambiente. Para tanto, buscar informações sobre o perfil dos visitantes passou a ser uma prática necessária para verificar com quem o museu dialogava, assim como, os aspectos sociais envolvidos nesta relação (Bourdieu e Darbel, 2007), ou seja, entender o problema possibilita pensar e desenvolver soluções para minimizá-lo. Segundo Studart et al. (2003), órgãos e associações foram concebidas com o intuito de realizar estudos sobre o visitante de museus, “nos Estados Unidos, a Visitor Studies Association, fundada na década de 1980, realiza reuniões anuais. Na França, na década de 1990, foi fundado o Observatoire Permanent des Publics.” (STUDART et al., 2003, p. 129). Tais iniciativas, somadas aos estudos que se seguiram até os dias atuais, favoreceram a compreensão dos interesses dos visitantes, o que os aproxima e os expõe, o gênero, o nível educacional, o nível econômico, entre outros aspectos envolvidos em uma pesquisa de público.

Procurando perceber os contextos que envolvem o acesso dos jovens aos museus, Cazelli (2005) pesquisou em sua tese de doutorado as barreiras sociais e as conexões educacionais existentes em tal relação. Para tanto, selecionou como amostra estudantes da 8ª série do ensino fundamental (atualmente 9º ano - Lei Federal Nº 11.274) de escolas da rede pública e privada, da cidade do Rio de Janeiro. Com base nas teorias de Bourdieu e de Coleman, quanto aos capitais econômicos, culturais e sociais, na seguinte perspectiva:

O conceito de capital social formulado por Bourdieu focaliza mais especificamente o papel das redes de relações sociais externas à família na mobilização e reprodução desse tipo de capital. Para Coleman, o que importa no capital social é menos o tamanho da rede e mais a qualidade de relações que nela se estabelecem, o que transforma a família em uma das redes chaves para a construção de capital social (CAZELLI, 2005, p. 46)

Cazelli (2005) demonstrou, por via dos dados obtidos, que as questões culturais e familiares são relevantes para estimular o acesso dos jovens aos museus, sendo a escola o campo que equaliza as diferenças, pois, por via destas, grande parte dos estudantes conseguem desfrutar do capital cultural disponíveis nos espaços expositivos. Neste sentido, a pesquisadora aponta a relevância de políticas atuantes em “aprimoramento dos acervos, da preservação de coleções e dos programas educacionais de museus. Este tipo de política, certamente potencializa a promoção de equidade cultural, uma vez que as instituições escolares facilitam a aproximação dos jovens com os museus.” (CAZELLI, 2005, p. 206).

Em uma pesquisa quantitativa de perfil-opinião, realizado pelo Observatório de Museus e Centros Culturais – OMCC, entre anos de 2006-2007, com visitantes espontâneos, acima dos quinze anos, de treze museus da cidade de São Paulo, objetivou-se a obtenção de dados em quatro blocos que consideram as “circunstâncias e os antecedentes da visita; a opinião sobre os serviços oferecidos nos museus; hábitos de visitas a museus e

instituições afins; perfil socioeconômico do visitante.” (OMCC, 2008, p.8). Quanto ao nível de escolaridade verificou-se que:

Os visitantes dos museus têm escolaridade muito acima da média da população em geral. Dos respondentes, 79,9% têm ensino superior completo ou incompleto (33,3% incompleto, 32,4% completo e 14,2% pós-graduação). Na Região Metropolitana de São Paulo, apenas 17% da população acima de 15 anos de idade tem superior incompleto ou completo e no Estado de São Paulo o percentual é ainda menor: 15% (PNAD 2006) (OMCC, 2008, p.18)

#### Em relação a Cor/raça:

73% dos respondentes se declaram brancos, 16,2% pardos, 5,8% pretos, 3,8% amarelos e 1% indígenas. Essas frequências são semelhantes às obtidas na Pesquisa Perfil-Opinião 2005 no Rio de Janeiro, que foram, respectivamente: 67,4%, 23,2%, 7%, 1,5% e 0,9%, ou seja, há uma maioria de brancos que visitam museus (OMCC, 2008, p.19)

Quando comparados com os dados levantados pela pesquisa de público realizada pelo ICOM Brasil, no ano de 2020, que “contou com a participação de 4.210 respondentes de 25 estados e do Distrito Federal” (ICOM Brasil, 2020, p.7), verifica-se que os dados se conservam em patamares similares, uma vez que “52,3% possuem pós-graduação, mestrado ou doutorado, 31,8% ensino superior completo, 11,5% ensino superior incompleto, 2,8% ensino médio completo, 1,0% ensino médio incompleto, 0,3% ensino fundamental completo e 0,2% ensino fundamental incompleto.” (ICOM Brasil, 2020, p.12). No que diz respeito a cor/raça, “73,5% se declararam brancos, 14,5% pardos, 6,6% pretos, 2,9% amarelos, 1,8% outros e 0,7 indígenas.” (ICOM Brasil, 2020, p.12).

Os dados apontados compactuam (grosso modo) com o que foi verificado por Bourdieu e Darbel (2007), no que diz respeito ao hábito de frequentar os museus está intimamente relacionado ao nível de escolaridade e a aptidão que esta propicia em formular a leitura dos códigos existentes em uma exposição museológica, surtindo efeito na inclusão e exclusão de determinados grupos. Porém, isto não significa a falta de esforços para tornar os museus acessíveis de 1964 até os dias atuais, pelo contrário, como já vimos, de meados do século XX em diante, ocorreram vários encontros e discussões com o intuito de aproximar o visitante dos museus. Como apontado por Cazelli (2005), este movimento não depende exclusivamente do museu para com o visitante, quando a citada autora pontuou em seu estudo o levantamento do quantitativo de cinemas, bibliotecas, teatros, centros culturais e museus na cidade do Rio de Janeiro, verificou que havia uma predominância destes locais na região central e zona sul da cidade, o que acabava reverberando em uma menor frequência a estes espaços por jovens de outras regiões da cidade, ampliando a discrepância quando comparado o mesmo contexto entre a capital com as cidades do interior.

Em relação ao teatro, a situação é pior: nada menos do que 62% dos jovens brasileiros nunca assistiram a uma peça; entre os jovens do campo este índice chega a 83%. Dos 38% que já frequentaram o teatro pelo menos uma vez na vida, 70% têm ensino superior e 65% recebem mais de dez salários-mínimos, ou seja, mais anos de escolaridade e renda implica maior possibilidade de acesso. Há também desequilíbrio regional. Dos jovens que já frequentaram este equipamento cultural, 48% estão na região Sul, mesmo índice da região Sudeste, 36% na região Centro-Oeste, 25% na região Nordeste e 22% na região Norte. Chamam a atenção, os 69% que nunca visitaram um museu e, mais ainda, os 94% e os 92% que nunca assistiram a um espetáculo de balé e nunca foram a um concerto de música clássica, respectivamente. A pesquisa confirma a baixa acessibilidade dos jovens brasileiros a eventos da cultura clássica, ratificando que, além da desigualdade material, há uma desigualdade no acesso a bens simbólicos. (CAZELLI, 2005, pp. 34-35)

Para além das questões de diferenciação entre centros urbanos, cidades do interior e regiões do Brasil, Cazelli (2005) aponta que o suporte familiar, no que tange o acesso aos bens culturais, é um ponto relevante, pois famílias que demonstraram índices elevados de hábito de leitura, de diálogo com os filhos e de usufruto de momentos de lazer, independente da condição econômica, conseguiram desenvolver em seus filhos a perspectiva da junção do atendimento das necessidades básicas aliada as de apropriação dos bens culturais/sociais. Desta forma, podemos considerar que as ações museais, somadas ao contexto social e familiar, corroboram para que a instituição museal dialogue com aos mais diversificados tipos de público, se apresentando como um contexto desafiador, com muitos caminhos a serem percorridos. Para tanto, é relevante seguir pela seguinte perspectiva:

Compreender o processo museológico como exercício de leitura do mundo que possibilita aos sujeitos sociais a capacidade de interpretar e transformar a realidade para a construção de uma cidadania democrática e cultural propiciando a participação ativa da comunidade no desenho das políticas museais; Garantir o direito à memória dos grupos e movimentos sociais e apoiar ações de apropriação social do patrimônio e de valorização dos diversos tipos de museus, tais como os museus comunitários, ecomuseus, museus de território, museus locais, museus de resistência e de direitos humanos, e outros (Declaração da cidade do Salvador, 2007, p. 14)

Diante do exposto, valorizar o local, o que está próximo do visitante, proporciona a este o desenvolvimento do sentimento de apropriação do que está no seu entorno, com isto ele pode se sentir mais preparado e aberto para lidar com os bens culturais disponíveis em ambientes diversos, assim como, com a cultura do outro.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O percurso teórico realizado, revelou que o processo de modificação do papel social do museu, iniciado em meados do século XX, possibilitou atribuir para o visitante um relevante protagonismo, no que tange o planejamento das ações de acesso aos bens culturais. Deste modo, o museu assumiu a função de disseminador cultural, para que o

visitante tivesse a oportunidade de usufruir do patrimônio de modo crítico, para compreender os discursos contidos nos objetos musealizados, ou seja, a democratização do museu para o público. Toda esta preocupação em promover oportunidades de acesso, direcionando o acervo para a assimilação cultural, interligada com o interesse do visitante, naturalmente, foi uma avanço e pode ser compreendido como um aspecto positivo, porém, verificamos que tal caminho não foi suficiente, considerando os dados apontados referente ao perfil do público que tem o hábito de frequentar museus.

A motivação para uma visitação ao museu, não se dá exclusivamente por uma ação do museu para com o público, o inverso também se aplica, entretanto, neste caminho encontramos aspectos negativos, visto que, fatores diversos atuam nesta perspectiva, sendo o nível educacional um dos mais impactantes, uma vez que este interfere diretamente na interpretação dos códigos dispostos no espaço expositivo. Neste contexto, se faz necessário, como apontado por Cazelli (2005), a elaboração de políticas públicas que auxiliem o acesso e a interpretação dos códigos, podendo iniciar tal ação com a valorização dos bens culturais ligados ao cotidiano do público.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Tradução: Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

\_\_\_\_\_. **Sobre educação e jovens**. Tradução: Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BOURDIEU, P.; DARBEL, A. **O amor pela arte: Os museus de arte na Europa**. Tradução: Guilherme J. F. Teixeira. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

BRASIL. Lei Nº 11.904/2009, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm). Acessado em: 15/12/2020.

Brasil. Lei Federal Nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2006/Lei/L11274.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11274.htm). Acessado em: 18/12/2020.

CASTELLS, M. Museus na era da informação: Conectores culturais de tempo e espaço. In: **MUSAS-Revista Brasileira de Museus e Museologia**, 5, 8-21. 2011. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/04/Musas5-web.compressed.pdf>. Acesso em: 12/12/2020.

CAZELLI, S. **Ciências, cultura, museus, jovens e escolas: quais as relações?**. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: [http://www.fiocruz.br/brasiliiana/media/tese\\_sibelezazelli.pdf](http://www.fiocruz.br/brasiliiana/media/tese_sibelezazelli.pdf). Acessado em: 20/03/2021.

Declaração da cidade do Salvador. **I Encontro Ibero-Americano de Museus. Salvador: IBERMUSEUS**. 2007. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/02/DeclaracaoSalvador.pdf>. Acessado em: 22/02/2021.

Declaração de Caracas. Seminário “A Missão dos Museus na América Latina Hoje: Novos Desafios. In: **Cadernos de Sociomuseologia**, 15, 243-265. 1999. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/32>. Acessado em: 15/11/2020.

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. **Conceitos-chave de Museologia**. Tradução: Bruno B. Soares e Marília X. Cury. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

ESPÍRITO SANTO, S. M. A contribuição do estudo do colecionismo para historiografia do Museu Histórico do antigo “Oeste Paulista”. **Transinformação**, 23 (1), 29-37. 2001. *versão impressa* ISSN 0103-3786 *versão On-line* ISSN 2318-0889. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tinf/v23n1/a03v23n1.pdf>. Acessado em: 02/12/2020.

ICOM Brasil – Conselho Internacional de Museus. **Dados para navegar em meio às incertezas: Parte II – Resultado de pesquisa com públicos de museus. 2020** Disponível em: [http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2020/11/20201119\\_Tomara\\_ICOM\\_Ciclo2\\_FINAL.pdf](http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2020/11/20201119_Tomara_ICOM_Ciclo2_FINAL.pdf). Acessado em: 14/03/2021.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito**. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

LE GOOF, J. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão. 5. ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2003.

MARTINS, L. C. **A relação museu/escola: teoria e prática educacionais na visitas escolares ao Museu de Zoologia da USP**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/Biologia/Dissertacao/DissertacaoLucianaConradoMartins.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Biologia/Dissertacao/DissertacaoLucianaConradoMartins.pdf). Acessado em: 12/11/2020.

OMCC - Observatório de Museus e Centros Culturais. **Pesquisa perfil Opinião 2006-2007. Análise descritiva preliminar dos dados agregados dos museus participantes da pesquisa em São Paulo**. São Paulo: OMCC, 2008. Disponível em: [http://www.fiocruz.br/omcc/media/relatorio0607\\_sp.pdf](http://www.fiocruz.br/omcc/media/relatorio0607_sp.pdf). Acessado em 15/01/2021.

RAMOS, F. R. L. **A danação do objeto: o museu no ensino da história**. Chapecó: Argos, 2004.

STUDART, D. C. Educação em museus: produto ou processos. In: **Musas-Revista brasileira de museus e museologia**, 1, 34-40. 2004. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2019/07/Musas1.pdf>. Acessado em: 15/01/2021.

STUDART, D. C.; ALMEIDA, A. M.; VALENTE, M. E. Pesquisa de público em museus: desenvolvimento e perspectiva. In: GOUVÊA, G.; MARANDINO, M.; LEAL, M. C. (org.). **Educação e Museu: A construção do caráter educativo dos museus de Ciência**. Rio de Janeiro: Access, 2003. cap. 6, p. 129-154.

VALENTE, M. E. A conquista do caráter público do museu. In: GOUVÊA, G.; MARANDINO, M.; LEAL, M. C. (org.). **Educação e Museu: A construção do caráter educativo dos museus de Ciência**. Rio de Janeiro: Access, 2003. cap. 1, p. 21-45.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Africanidades 9, 62, 292, 294

Arte 6, 11, 12, 13, 16, 17, 18, 21, 22, 36, 62, 66, 67, 73, 76, 77, 80, 82, 83, 84, 85, 88, 90, 94, 110, 116, 128, 136, 156, 157, 166, 170, 175, 180, 210, 213, 252, 273, 274, 279, 287, 288, 289, 290, 291, 293

Arte Barroca 13

Arte Sacra 12, 13, 16, 17, 18, 22

### B

Bens Culturais 86, 123, 155, 156, 159, 162, 165, 166

### C

Catolicismo 12, 13, 14, 18, 22, 47, 54, 207

Cidade 15, 16, 17, 18, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 88, 98, 101, 105, 115, 117, 118, 119, 120, 125, 127, 128, 142, 143, 144, 147, 148, 150, 151, 152, 159, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 176, 180, 181, 182, 186, 189, 202, 211, 212, 227, 228, 235, 236, 237, 238, 239, 241, 253, 254, 255

Coleção 7, 36, 62, 78, 162, 168, 170, 172, 181, 189

Comunidade Quilombola 250, 251, 252, 253, 255, 256

Construção Social 6, 1, 7, 9, 10, 66, 177, 190

Conto 7, 70, 103, 105, 108, 109, 112, 115

Corpo 5, 8, 3, 4, 5, 9, 10, 16, 25, 32, 47, 63, 100, 106, 109, 110, 125, 150, 179, 190, 197, 210, 235, 236, 237, 258, 260, 263, 269, 271, 284, 288, 294

Cotidiano 13, 59, 65, 76, 80, 82, 92, 99, 132, 135, 137, 138, 139, 140, 157, 166, 196, 198, 199, 255, 261, 264, 267, 287

Cultura 2, 5, 9, 9, 12, 13, 14, 16, 19, 22, 23, 24, 29, 36, 44, 47, 62, 63, 65, 66, 80, 82, 85, 88, 91, 106, 107, 108, 111, 116, 117, 118, 121, 122, 123, 127, 128, 129, 140, 146, 147, 148, 154, 156, 157, 159, 160, 165, 166, 167, 168, 169, 172, 179, 193, 200, 201, 206, 208, 210, 212, 213, 214, 224, 225, 235, 236, 238, 240, 247, 248, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 261, 263, 273, 280, 281, 282, 283, 284, 286, 287, 289, 290, 292, 293, 294, 295

Cultura Brasileira 24, 80, 85

Cultura Popular 208, 212

### D

Democracia 182, 183, 187, 188, 189, 201, 204, 221, 293

Desenvolvimento 5, 6, 7, 8, 9, 24, 29, 50, 54, 65, 70, 84, 117, 121, 122, 123, 127, 131, 138, 139, 140, 142, 147, 149, 151, 152, 155, 157, 159, 160, 161, 165, 167, 171, 174, 183, 184,

185, 186, 188, 224, 226, 227, 228, 230, 237, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 251, 259, 260, 261, 270, 271, 280, 290, 296

## E

Educação 6, 12, 21, 22, 44, 46, 47, 48, 56, 61, 62, 141, 157, 158, 159, 160, 161, 166, 167, 182, 183, 184, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 198, 201, 202, 203, 205, 222, 223, 224, 225, 229, 247, 250, 258, 259, 260, 261, 263, 264, 267, 268, 269, 270, 271, 279, 290, 292, 293, 294, 295, 296

Ensino 5, 5, 50, 54, 86, 107, 163, 164, 165, 166, 167, 182, 185, 191, 192, 195, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 206, 225, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 269, 270, 292, 293, 294, 295, 296

Espaço 8, 5, 25, 27, 34, 35, 45, 46, 51, 55, 56, 57, 66, 67, 74, 75, 84, 87, 88, 95, 100, 103, 104, 109, 110, 111, 112, 115, 119, 129, 130, 133, 135, 136, 139, 140, 146, 154, 156, 160, 161, 163, 166, 170, 173, 174, 176, 178, 184, 187, 188, 192, 199, 202, 208, 209, 210, 212, 214, 226, 228, 235, 236, 237, 238, 240, 241, 250, 251, 252, 254, 255, 256, 257, 263, 264, 271, 272, 274, 288, 289, 290, 293, 294, 295

Esquecimento 1, 2, 3, 5, 8, 9, 10, 11, 49, 67, 170, 178, 179, 212

Extensão Universitária 9, 261, 271, 272

## F

Formação Docente 8, 9, 191, 192, 196, 197, 201, 203, 258, 260, 261, 264, 265, 269, 270, 271

Formação Social 7, 8, 11

## H

História 6, 2, 4, 5, 6, 11, 20, 21, 22, 24, 25, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 47, 48, 49, 50, 52, 54, 55, 56, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 78, 81, 83, 85, 90, 91, 94, 95, 101, 102, 104, 107, 123, 126, 128, 131, 141, 142, 154, 167, 171, 172, 174, 176, 181, 182, 188, 189, 190, 193, 198, 201, 203, 204, 213, 214, 235, 237, 240, 241, 244, 247, 250, 252, 255, 256, 257, 282, 283, 284, 292, 293, 294, 295, 296

História Oral 6, 39, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 76, 77, 78, 235, 237, 240, 250, 252, 257, 296

Historiografia 47, 62, 68, 76, 105, 167, 182, 183, 187, 214, 251

## I

Iconografia 15, 16, 21

Identidade 5, 7, 17, 52, 62, 69, 78, 106, 116, 142, 147, 156, 157, 159, 180, 185, 201, 202, 204, 208, 210, 223, 247, 249, 250, 251, 252, 254, 255, 256, 257, 276

Indígenas 19, 41, 110, 132, 164, 203, 242, 243, 246, 247, 248

Integração 8, 123, 124, 125, 209, 216, 217, 218, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 232, 234, 250, 272, 274, 275, 286, 287, 288, 289, 290

## **L**

Lembranças 2, 3, 4, 8, 10, 39, 40, 48, 63, 64, 67, 70, 94, 98, 172, 175, 178, 180

## **M**

Mediação 1, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 161, 178, 203

Memória 2, 5, 6, 1, 2, 3, 4, 5, 10, 11, 36, 48, 49, 63, 77, 78, 180, 181, 296

Memória Coletiva 4, 11, 77

Memória Histórica 4

Memória social 3, 4, 10, 11, 76, 241

Mercado de trabalho 8, 216, 217, 218, 225, 226, 227, 228, 229, 230

Metalinguagem 7, 92, 93

Modernidade 27, 36, 37, 62, 118, 119, 122, 123, 136, 138, 139, 156, 194, 195, 196, 198, 204, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 257

Movimento Decolonial 8, 191, 192, 193, 196, 197, 200, 201

Musealidade 7, 168, 169, 170, 172, 173, 174, 177, 178, 179

Museu 7, 77, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 180, 181, 296

## **N**

Natureza 5, 6, 7, 8, 9, 16, 38, 44, 46, 68, 94, 95, 132, 137, 149, 152, 159, 179, 189, 193, 197, 200, 201, 203, 220, 221, 244, 245, 251, 279, 281, 282, 284, 285

## **O**

Ócio 7, 129, 130, 131, 138, 139, 140, 141, 149

Oralidade 38, 39, 40, 64, 67, 68, 252

## **P**

Paisagem Cultural 8, 235, 236, 237, 238, 239, 240

Pedagogia 9, 10, 12, 62, 133, 141, 157, 180, 189, 190, 192, 194, 196, 198, 204, 205, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 269, 270, 271

Perspectiva Histórico-Cultural 6, 1, 5, 6, 9, 10

Poesia 9, 2, 92, 93, 94, 95, 98, 99, 100, 101, 102, 272, 273, 274, 275, 276, 279, 280, 293

Preservação 5, 8, 64, 65, 123, 158, 160, 163, 168, 169, 172, 173, 177, 201, 206, 207, 208, 213, 214, 240, 247, 248, 293, 294

## **R**

Refugiados 8, 137, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234

Representação 13, 16, 17, 20, 27, 54, 100, 170, 173, 174, 175, 178, 293

Resistência 8, 82, 83, 84, 90, 103, 104, 121, 140, 165, 176, 193, 194, 195, 196, 200, 204, 206, 207, 209, 210, 212, 213, 244, 247, 250, 251, 294

## **S**

Sexualidade 9, 193, 246, 258, 259, 260, 263, 265, 266, 267, 269, 270, 271, 296

Sincretismo 6, 12, 14, 18, 22, 209

Sociedade 2, 5, 7, 3, 4, 5, 7, 9, 13, 14, 20, 23, 24, 25, 28, 33, 36, 38, 43, 44, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 54, 62, 65, 76, 86, 88, 98, 107, 108, 112, 114, 122, 123, 126, 127, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 146, 147, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 172, 179, 180, 182, 183, 189, 192, 195, 196, 198, 199, 200, 201, 203, 208, 209, 213, 214, 216, 217, 222, 223, 224, 226, 228, 229, 230, 242, 243, 245, 246, 247, 261, 262, 263, 264, 266, 268, 269, 270, 271, 274, 280, 288, 293

## **T**

Território 51, 61, 96, 101, 110, 123, 165, 200, 203, 236, 240, 250, 252, 256

Tradição 7, 8, 17, 18, 64, 67, 68, 142, 207, 213, 238, 242, 243, 244, 246, 247, 248, 280



[www.arenaeditora.com.br](http://www.arenaeditora.com.br) 

[contato@arenaeditora.com.br](mailto:contato@arenaeditora.com.br) 

[@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora) 

[www.facebook.com/arenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/arenaeditora.com.br) 

# Memória, cultura e sociedade

**Atena**  
Editora

Ano 2021



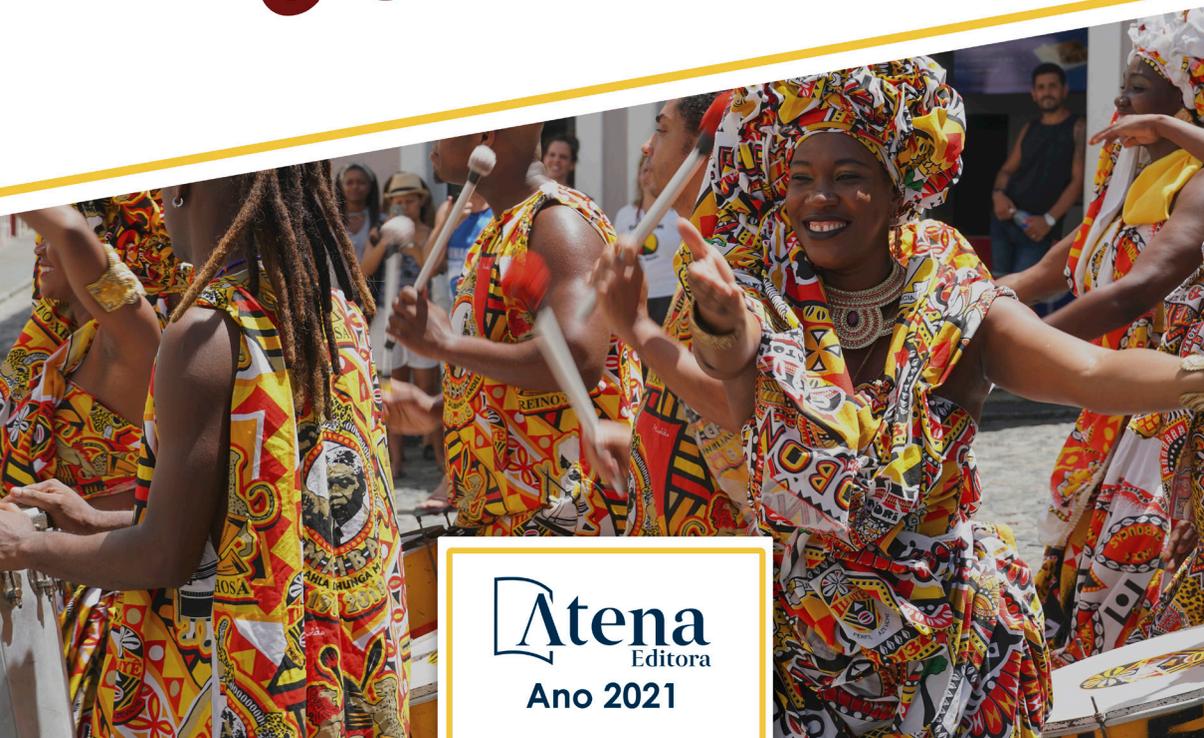
[www.arenaeditora.com.br](http://www.arenaeditora.com.br) 

[contato@arenaeditora.com.br](mailto:contato@arenaeditora.com.br) 

[@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora) 

[www.facebook.com/arenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/arenaeditora.com.br) 

# Memória, cultura e sociedade



  
Ano 2021